

Não existe acaso no método de Jogos de Paciência

*There is no chance in the
"Giochi di Paziienza" method*

<https://doi.org/10.26512/rhh.v11i22.52369>

GINZBURG, Carlo; PROSPERI, Adriano. *Jogos de paciência: um seminário sobre o Benefício de Cristo*. Tradução Tiago Gil, Romulo Salvino. Porto Alegre: Ladeira Livros, 2022

Alexandre Karsburg

História Pública Consultoria

<https://orcid.org/0000-0002-1527-5176>

alexkarsburg@yahoo.com.br

Resumo

“Acaso” ou “sagacidade acidental”, o fato é que a pesquisa em fontes e arquivos exige não apenas paciência, mas um pouco de sensibilidade e capacidade de estranhamento do/a historiador/a. Entendo que o “acaso” não seja assim tão “acidental”, mas resultado de preparação do/a pesquisador/a que o/a leva a desenvolver “sagacidade”. O contrário disso é acreditar que alguém teve “sorte” por encontrar este ou aquele documento.

Palavras-chave

Carlo Ginzburg; Adriano Prosperi; Jogos de Paciência; Teoria e Metodologia

Abstract

“By chance” or “accidental sagacity”, the fact is that researching sources and archives requires not only patience, but a bit of sensitivity and capacity for strangeness from the historian. I understand that “chance” is not so “accidental”, but the result of the researcher’s preparation that leads him/her to develop “sagacity”. The opposite of this is believing that someone was “lucky” to find this or that document.

Keywords

Carlo Ginzburg; Adriano Prosperi; Giochi di Pazienza; Theory and Methodology

1.

O livro em questão é a versão traduzida para o português de *Giochi di Paziienza*, lançado em 1975 na Itália como resultado de um Seminário ministrado por Adriano Prosperi e Carlo Ginzburg, então jovens professores, aos alunos de dois cursos da Universidade de Pisa. Eles buscavam analisar detalhadamente um livreto escrito na efervescente Itália do século XVI no contexto das reformas religiosas. Como constatado por Bruno Martins Boto Leite, no Prefácio ao leitor português e brasileiro presente nesta edição, “o objeto proposto pelos dois historiadores baseou-se no estudo de um importante livro de piedade da era moderna”, buscando “avaliar seu significado e inserção na história religiosa italiana do *Cinquecento*.” O livro era o *Trattato utilissimo del beneficio di Giesu Cristo crocifisso verso i cristiani*, “mais vulgarmente conhecido como o *Benefício de Cristo*, publicado anonimamente em Veneza pelo impressor Bernardino de’ Bindoni em 1543.” Manual de devoção, o *Benefício de Cristo* “tratava dos modos de justificação ou salvação a serem empregados pelo católico praticante”.¹

A presente edição de *Jogos de Paciência*, de Carlo Ginzburg e Adriano Prosperi, foi traduzida para o português pelos historiadores Tiago Gil² e Romulo Salvino³ e publicada pela Ladeira Livros, de Porto Alegre. O livro traz ainda as contribuições de renomados historiadores brasileiros especialmente convidados para analisar, cada qual dentro de sua especialidade, diferentes elementos da obra. Na apresentação, Deivy Carneiro⁴ destaca o “projeto audacioso e singular” de Ginzburg e Prosperi, “uma vez que os autores não se contentaram em uma simples apresentação do objeto pesquisado”.⁵ Carneiro retoma as influências teóricas de Adriano Prosperi e Carlo Ginzburg, demonstrando que historiadores como Delio Cantimone, Aby Warburg e Erich Auerbach tiveram forte influência na formação dos autores de *Jogos de Paciência*, principalmente na de Ginzburg. Destaca que “foi a partir da leitura filológica” empreendida por Prosperi e Ginzburg que “conseguiram distinguir que

1 Leite, Bruno Martins Boto. “Prefácio ao leitor português e brasileiro”. In: Ginzburg, Carlo; Prosperi, Adriano. *Jogos de Paciência: Um Seminário sobre o “Benefício de Cristo”*. Tradução Tiago Gil e Romulo Salvino. Porto Alegre: Ladeira Livros, 2022, p. xxvi.

2 Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade de Brasília.

3 Doutor em História pela Universidade de Brasília.

4 Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade Federal de Uberlândia.

5 Carneiro, Deivy. “Apresentação”. In: Ginzburg, Carlo; Prosperi, Adriano. *Jogos de Paciência: Um Seminário sobre o “Benefício de Cristo”*. Tradução Tiago Gil e Romulo Salvino. Porto Alegre: Ladeira Livros, 2022, p. vii.

o *Benefício de Cristo* havia sido escrito pela intervenção de dois autores”.⁶ Finaliza afirmando que o livro é “uma excelente oportunidade para estudantes e historiadores experientes se deliciarem com a leitura de uma obra na qual todo o percurso metodológico é detalhado de forma minuciosa, com seus sucessos e fracassos, os momentos de crise, mas também a felicidade da confirmação de uma hipótese.” Considera *Jogos de Paciência* “como uma das pouquíssimas obras fundamentada na descrição precisa e detalhada de um percurso de pesquisa.”⁷

Na sequência, Bruno Feitler⁸ realiza uma apresentação do contexto de redação do *Benefício de Cristo*, afirmando que a Europa do século XVI, mais especificamente a Itália, vivia um momento de “magnífica anarquia religiosa”. O contexto no qual o *Benefício de Cristo* foi redigido e circulou era daquele vasto “mundo neutro da justificação pela fé”, quando tudo parecia ainda possível. “Tudo”, segundo Feitler, soa “como um exagero”, mas era certo “que a Igreja de Roma aceitava dentro de si, do ponto de vista teológico e eclesiológico (ou seja, da organização, dos rituais e das práticas da Igreja), uma certa margem de possibilidade e de interpretação. Desde que essas variações não pusessem em causa o poder do papa e os dogmas estabelecidos nos concílios”.⁹ Ainda segundo Feitler, as divergências “de opinião sobre questões como a predestinação, a justificação pela fé, a existência do purgatório ou o poder dos sacramentos, foi radicalmente limitada a partir das decisões do Concílio de Trento”.¹⁰

Em “Prefácio ao leitor português e brasileiro”, Bruno Martins Boto Leite¹¹ reforça a importância de *Jogos de Paciência* para o campo da metodologia histórica. Ele destaca que Prosperi e Ginzburg buscavam analisar o “significado

6 Carneiro, Deivy. “Apresentação”. In: Ginzburg, Carlo; Prosperi, Adriano. *Jogos de Paciência: Um Seminário sobre o “Benefício de Cristo”*. Tradução Tiago Gil e Romulo Salvino. Porto Alegre: Ladeira Livros, 2022, p. xvi.

7 Carneiro, Deivy. “Apresentação”. In: Ginzburg, Carlo; Prosperi, Adriano. *Jogos de Paciência: Um Seminário sobre o “Benefício de Cristo”*. Tradução Tiago Gil e Romulo Salvino. Porto Alegre: Ladeira Livros, 2022, p. xvi-xvii.

8 Professor Adjunto de História Moderna na Universidade Federal de São Paulo.

9 Feitler, Bruno. “Um momento de ‘magnífica anarquia religiosa’: uma apresentação do contexto de redação do *Benefício de Cristo*.” In: Ginzburg, Carlo; Prosperi, Adriano. *Jogos de Paciência: Um Seminário sobre o “Benefício de Cristo”*. Tradução Tiago Gil e Romulo Salvino. Porto Alegre: Ladeira Livros, 2022, p. xix.

10 Feitler, Bruno. “Um momento de ‘magnífica anarquia religiosa’: uma apresentação do contexto de redação do *Benefício de Cristo*.” In: Ginzburg, Carlo; Prosperi, Adriano. *Jogos de Paciência: Um Seminário sobre o “Benefício de Cristo”*. Tradução Tiago Gil e Romulo Salvino. Porto Alegre: Ladeira Livros, 2022, p. xx.

11 Professor Adjunto de História Moderna da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

de uma obra de piedade da época moderna de grande importância nas dinâmicas religiosas e políticas da história italiana e que ainda não havia sido devidamente interpretada pela historiografia do tempo.”¹² Bruno Martins Leite separa em tópicos sua análise, aprofundando o contexto de surgimento do *Benefício de Cristo*: a história religiosa italiana do *Cinquecento* e suas relações com a conjuntura europeia das primeiras décadas do século XVI. Por fim, demonstra a relevância que pode ter *Jogos de Paciência* para o leitor de língua portuguesa: a reflexão metodológica e a relação estabelecida entre Estado português e Igreja católica a partir do século XVI, algo que se descortina como “novo” tendo como fundamentos as descobertas efetuadas pelos autores.

A seguir, temos o texto *Jogos de Paciência* na íntegra, narrado em estilo que conhecemos a partir de outros livros e ensaios, especialmente os de Carlo Ginzburg. Ao comentar sobre as habilidades do amigo, Giovanni Levi afirma que Ginzburg “guia o leitor em 200, 250 páginas por ruas misteriosas. Não sabes aonde irás.” No final, muitas vezes, diz: “essa era uma rua sem significado”. Levi entende essa técnica como “muito persuasiva”. Uma das causas do êxito de Carlo Ginzburg “é sua capacidade literária, sua capacidade de convencer, porque o leitor já está hipnotizado quando chega à página 200, num labirinto e ansioso para saber o que vai acontecer no final”. Segue afirmando que “não é coincidência que, frequentemente, Ginzburg faça relações entre história e novela policial, porque nossa investigação, muitas vezes, é semelhante à investigação policial, procuramos coisas sem saber quem é o assassino”.¹³

Em *O fio e os rastros*,¹⁴ Ginzburg nos lembra como a narrativa do romance moderno e do cinema poderiam ensinar o historiador a pensar o enquadramento dos seus problemas sobre outras bases. No livro *O Queijo e os Vermes*,¹⁵ ele tentava de algum modo incorporar a ideia de que uma mesma história poderia ser contada de muitos modos, com resultados cognitivos diferentes. Levando em conta tal proposta, escrevi em um artigo “que o problema da

12 Leite, Bruno Martins Boto. “Prefácio ao leitor português e brasileiro”. In: Ginzburg, Carlo; Prosperi, Adriano. *Jogos de Paciência: Um Seminário sobre o “Benefício de Cristo”*. Tradução Tiago Gil e Romulo Salvino. Porto Alegre: Ladeira Livros, 2022, p. xxv.

13 Levi, Giovanni. “O trabalho do historiador: pesquisar, resumir, comunicar”. *Revista Tempo*. Niterói, RJ, Vol. 20, p. 4.

14 Ginzburg, Carlo. *O Fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. Tradução Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

15 Ginzburg, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

narrativa não se resolve apenas como uma questão de ‘técnica’, mas implica questões epistemológicas mais profundas.” A capacidade literária de Ginzburg, portanto, “não é apenas uma questão de técnica apropriada, mas está ligada a uma reflexão mais elaborada que ainda merece novas análises”.¹⁶

Logo a seguir ao texto de Prosperi e Ginzburg, Tiago Gil e Romulo Salvino fazem uma análise intitulada “Árvores, florestas e quebra-cabeças: notas sobre método e acaso.” No início, ambos constatam uma semelhança entre *Benefício de Cristo* e *Jogos de Paciência*: “Um texto com dois autores. Cada um deles com uma formação religiosa diferente e com percursos intelectuais bem distintos, e não sabemos quem escreveu qual parte. Assim é o *Benefício de Cristo*. Assim é *Jogos de paciência*.” As coincidências são pertinentes. Mas o que Gil e Salvino buscam em seu texto é “salientar algumas coisas que podem ter interesse para além da temática da literatura religiosa italiana do século XVI, já que este livro é certamente um compêndio de metodologia”.¹⁷ Ambos concordam que o “trabalho do historiador” se assemelha a um jogo, “no sentido lúdico”, mas que também precisa da “sorte do acaso”: a *serendipidade*, termo que também pode significar “sagacidade acidental”.¹⁸

O “acaso” na pesquisa histórica foi debatido em outros ensaios de Ginzburg, como “Feiticeiras e Xamãs”, publicado no Brasil em 2007. Em um texto envolvente, Ginzburg narra a sua trajetória de pesquisador e a relação com o tema, feitiçaria, que o fez trabalhar anos a fio.¹⁹ Em dado momento, relembra suas descobertas no Arquivo do Estado de Veneza quando era ainda um jovem pesquisador, no início da década de 1960.

Entre 1961 e 1962, percorri a Itália seguindo os rastros dos arquivos da Inquisição. Eu atravessava momentos de dúvida e descontentamento; tinha a impressão de perder tempo. Minha hipótese inicial, sobre a feitiçaria como forma elementar de luta de classe, não me satisfazia mais;

16 Karsburg, Alexandre; Vendrame, Maíra. “Investigação e formalização na perspectiva da Micro-História”. In: Vendrame, Maíra (et. all.). *Ensaio de Micro-História, Trajetórias e Imigração*. São Leopoldo: Editora OIKOS; Editora Unisinos, 2016, p. 109.

17 Gil, Tiago; Salvino, Romulo. “Árvores, florestas e quebra-cabeça: notas sobre o método e acaso”. In: Ginzburg, Carlo; Prosperi, Adriano. *Jogos de Paciência: Um Seminário sobre o “Benefício de Cristo”*. Tradução Tiago Gil e Romulo Salvino. Porto Alegre: Ladeira Livros, 2022, p. 197.

18 Em seu posfácio, Ginzburg nos apresenta a palavra, seus significados e usos na história, conceito que seria crucial no desenvolvimento de seu famoso ensaio “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. Ensaio publicado no Brasil no livro: *Mitos, emblemas e sinais*, pela Companhia das Letras, em 1989.

19 Ginzburg explicava isso em uma conferência em Tóquio (1992), por ocasião do lançamento de seu livro *História Noturna: decifrando o Sabá*, traduzido para o japonês.

*mas eu não estava em condições de substituí-la por outra, mais satisfatória. Fui bater em Veneza, onde está conservado no Arquivo de Estado um dos fundos inquisitoriais mais ricos: mais de 150 grossos envelopes repletos de interrogatórios e de processos, que cobrem um período de dois séculos e meio (...). Como eu não sabia, literalmente, o que estava procurando, fazia pedidos ao acaso – sei lá, envelopes números 8, 15, 37 – e punha-me a folhear as páginas dos processos. Parecia-me estar jogando uma espécie de roleta veneziana.*²⁰

Incerto quanto aos rumos do trabalho, o novato pesquisador passou a jogar com a sorte para encontrar algo que o motivasse ou que lhe oferecesse um novo horizonte explicativo para a hipótese que ele se propunha. Então, em meio aos fundos inquisitoriais, encontrou o que não esperava: um processo de 1591, de um jovem pastor de gado chamado *Menichino della Nota*, que dizia sair quatro vezes por ano, à noite, em espírito, com outros “nascidos como ele sob uma boa estrela, chamados *benandanti*”.²¹ Ginzburg explica que essa palavra era, para ele, totalmente desconhecida e incompreensível. Após ler as primeiras páginas do processo, diz ter entrado em um estado de agitação tão grande que precisou interromper o trabalho.

Enquanto eu passeava diante do arquivo fumando um cigarro depois do outro, pensava ter tido uma sorte enorme (...). O acaso tinha me posto diante de um documento totalmente inesperado: por que a minha reação tinha sido tão entusiasmada? Era como se eu tivesse reconhecido de repente um documento que me era perfeitamente ignorado até um instante antes; não só isso: que era profundamente diferente de todos os processos de Inquisição com que eu tinha me deparado até então (Ginzburg, 2007, p. 303).

“Acaso” ou “sagacidade acidental”, o fato é que a pesquisa em fontes e arquivos exige não apenas paciência, mas um pouco de sensibilidade e capacidade de estranhamento do/a historiador/a. Entendo que o “acaso” não seja assim tão “acidental”, mas resultado de preparação do/a pesquisador/a que o/a leva

20 Ginzburg, Carlo. “Feiticeiras e Xamãs”. In: *O Fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. Tradução Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 302.

21 O livro *Os andarilhos do bem*, lançado por Ginzburg, na Itália, em 1966, conta a história de praticantes de um culto agrário de fertilidade na região do Friuli, entre o final do século XVI e a primeira metade do XVII. Os andarilhos se diziam defensores das colheitas contra bruxas e feiticeiros. Uma vez alvos da Inquisição, foram assimilados aos feiticeiros e praticantes do Sabá diabólico. No Brasil, a obra foi lançada em 1988.

a desenvolver habilidades como a “sagacidade”. O contrário disso é acreditar que alguém teve “sorte” por encontrar este ou aquele documento.

Para finalizar a primeira parte desta resenha da obra *Jogos de Paciência*, destaco a publicação, na íntegra, do próprio livreto *Benefício de Cristo*, em original italiano, imediatamente após o texto de Gil e Salvino e antes dos posfácios de Prosperi e Ginzburg. Para o leitor familiarizado com o idioma e conhecedor do contexto italiano da reforma religiosa do século XVI, certamente é um presente a publicação do *Benefício de Cristo*.

2.

Todos os textos que acompanham a presente edição brasileira do livro *Jogos de Paciência* são unânimes em apontar qual é o seu ponto forte: o método narrativo. Mas não qualquer narrativa, afinal, todo texto é narrativo; antes aquela que destaca a exposição e a reavaliação das hipóteses de pesquisa, as soluções propostas e, em seguida, abandonadas; a proposição de leituras variadas e, às vezes, contraditórias de um mesmo texto. O consenso continua: *Jogos de Paciência* proporciona uma visão única e ousada da pesquisa histórica, a trajetória detalhada do percurso, revelando momentos de descoberta e frustração, demonstrando como a pesquisa histórica é um processo dinâmico, repleto de incertezas, contingências e lacunas. Por fim, o livro é entendido como uma oportunidade rara de conhecer o processo de pesquisa de dois historiadores antes de alcançarem projeção mundial. Verdadeiro ensaio sobre um método de pesquisa histórica que, até a década de 1970, era pouco praticado entre historiadores.

O sucesso posterior alcançado no campo historiográfico por Prosperi e Ginzburg, principalmente esse último, pode fazer parecer que a obra *Giochi de pazienza* foi aceita sem ressalvas na década de 1970. Ambos os autores destacam em seus posfácios as duras críticas sofridas logo após publicarem a obra em 1975. O livro gerou posições antagônicas, sendo alvo de críticas e resenhas “que beiravam o insulto”, afirma Prosperi. Ginzburg relembra a “frieza” com que a obra foi recebida. “Irritação” para a forma utilizada para comunicar os resultados da interpretação sobre o Seminário levado a cabo por eles em 1971. No entanto, também surgiram reações favoráveis à escolha de exposição do Seminário, o que, para “A” e “B”,²² foram “bastante inesperadas”: a do historiador da arquitetura Manfredo Tafuri foi particularmente significativa. A

²² Prosperi e Ginzburg se autodenominam, respectivamente, “A” e “B” em seus posfácios na presente edição brasileira.

introdução de seu livro *La sfera e il labirinto* abriu com uma longa citação de *Giochi de Paziienza*, descrito como “um dos poucos volumes recentes que tem a coragem de descrever não os resultados olímpicos e definitivos da pesquisa, mas sim seu tortuoso e complexo processo”.²³ As resenhas positivas sobre o livro, no entanto, não foram suficientes para superar os ataques que redundaram em desdém, indiferença e, por fim, em esquecimento, “um silêncio que também foi um apagamento da memória dos historiadores”, lamenta-se “A” em seu posfácio.²⁴

Ambos os pesquisadores sabiam que estavam a cometer “transgressão” na forma de narrar a história, posição que tomou “forma quando decidimos recontar a pesquisa coletiva (a nossa e a dos estudantes) como havia acontecido, com seus erros, idas e vindas”.²⁵ Este método não era propriamente o mais aceito nas universidades até aquele momento (década de 1970), mas baseava-se em uma ideia de um historiador prussiano do século XIX: Johann Gustav Droysen (1808-1884). Esse chamava a atenção para a “forma de expor o texto historiográfico (na verdade, pesquisar os materiais que lhe deram origem)”, sintetizando “perfeitamente com os modelos da moderna história-problema” – pressuposto levado adiante pela primeira geração dos *Annales* surgida 70 anos após a formulação de Droysen.²⁶ Mas Prospero e Ginzburg foram além, trazendo “a cozinha para a mesa”, como bem propôs o segundo nas linhas iniciais de *Jogos de Paciência*.

Se as hipóteses e descobertas do livro caíram no esquecimento como Prospero afirma, o método histórico proposto, ao contrário, alcançou boa aceitação, ainda mais após o lançamento da obra *O Queijo e os Vermes*, em 1976,²⁷ e textos como “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”, de 1979,²⁸ ambos de Carlo Ginzburg. O método indiciário inspirou gerações de historiadores/as, de vários países, na busca por fontes primárias em fundos dispersos em arquivos

23 Ginzburg, Carlo. “Posfácio 2”. In: *Jogos de Paciência: Um Seminário sobre o “Benefício de Cristo”*. Tradução Tiago Gil e Romulo Salvino. Porto Alegre: Ladeira Livros, 2022, p. 281.

24 Prospero, Adriano. “Posfácio 1”. In: *Jogos de Paciência: Um Seminário sobre o “Benefício de Cristo”*. Tradução Tiago Gil e Romulo Salvino. Porto Alegre: Ladeira Livros, 2022, p. 276-77.

25 Prospero, Adriano. “Posfácio 1”. In: *Jogos de Paciência: Um Seminário sobre o “Benefício de Cristo”*. Tradução Tiago Gil e Romulo Salvino. Porto Alegre: Ladeira Livros, 2022, p. 275.

26 Barros, José D’Assunção. “Droysen: revisitando um perfil historiográfico a partir de uma metáfora musical”. *Ponta de Lança, São Cristóvão*, v. 4, n. 7, out. 2010-abr. 2011, p. 29-30.

27 No Brasil, lançado em 1987, pela Companhia das Letras.

28 Ensaio publicado no Brasil no livro: *Mitos, emblemas e sinais*, pela Companhia das Letras, em 1989.

distantes, na interpretação desses documentos assim como na própria construção do texto.

Não há dúvidas de que o método indiciário baseado em uma forte pesquisa empírica já foi incorporado como elemento analítico de historiadores/as. A impressão que tenho é que a atenção para o detalhe e o uso intensivo de fontes heterogêneas se tornaram paradigmas epistemológicos utilizados quase que de forma intuitiva, sem que haja a necessidade de citá-los em nossos textos. Contudo, a “transgressão” iniciada por Prosperi, Ginzburg e seus alunos em 1971, ao menos na forma de narrar os percalços da trajetória de pesquisa, ainda não é unanimidade no universo acadêmico, ao menos no brasileiro, que é o lugar em que me situo há algum tempo. Afinal, nem todo/a historiador/a sente-se à vontade para expor aos leitores (por vezes bancas de mestrado/doutorado ou revisores *ad hoc*) o processo real de desenvolvimento da pesquisa histórica, as dificuldades, tropeços e pistas abandonados durante o percurso de produção dela.

O objetivo geral do método histórico apresentado em *Jogos de Paciência* é o de refletir a respeito da possibilidade de apresentar, no próprio texto, o percurso de uma investigação em sua totalidade, desde a procura pelas fontes até a análise e comunicação. Afinal, se o método é a estrada depois de percorrê-la, nada mais justo do que revelar ao leitor o “minucioso trabalho de laboratório [dos historiadores que] não deve permanecer escondido, e a receita não deve permanecer um segredo do cozinheiro”. Com essa metáfora, Levi quer dizer que, ao construirmos nossos textos, devemos mostrar o itinerário da pesquisa e não tentar esmagar o leitor com nossas “pesadas interpretações gerais” que acabam por excluir o verdadeiro “consumidor de livros de história”.²⁹

A origem desta metáfora de Giovanni Levi está, justamente, no livro aqui resenhado. Nas páginas introdutórias de *Jogos de Paciência*, Prosperi e Ginzburg chamam a atenção para a tendência dos historiadores de apresentarem seus resultados eliminando qualquer vestígio do processo, nem sempre linear, e nem sempre bem-sucedido, da construção das suas hipóteses e argumentos. A ideia de integrar as incertezas à narrativa não está apenas ligada à tentativa de tornar o texto mais “atraente”, mas a de colocar a serviço da inteligibilidade histórica as ferramentas utilizadas na pesquisa.

29 Levi, Giovanni. “Prefácio”. In: OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de; ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de. Exercícios de Micro-História. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2009, p. 13.

Referências bibliográficas

BARROS, José D'Assunção. Droysen: revisitando um perfil historiográfico a partir de uma metáfora musical. *Ponta de Lança*, São Cristóvão, v.4, n. 7, out. 2010-abr. 2011.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GINZBURG, Carlo. *Os andarilhos do bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GINZBURG, Carlo. "Sinais: raízes de um paradigma indiciário". In: *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. "Feiticeiras e Xamãs". In: *O Fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. Tradução Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 294-310.

GINZBURG, Carlo; Prosperi, Adriano. *Giochi di pazienza. Um seminário sul 'Beneficio di Cristo'*. Turim: Einaudi, 1975.

KARSBURG, Alexandre; Vendrame, Maíra. "Investigação e formalização na perspectiva da Micro-História". In: VENDRAME, Maíra (et. all.). *Ensaios de Micro-História, Trajetórias e Imigração*. São Leopoldo: Editora OIKOS; Editora Unisinos, 2016, p. 86-113.

LEVI, Giovanni. "Prefácio". In: OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de; ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de. *Exercícios de Micro-História*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2009.

LEVI, Giovanni. "O trabalho do historiador: pesquisar, resumir, comunicar". *Revista Tempo*. Niterói, RJ, Vol. 20, 2014, 20p.

Recebido em 24 de janeiro de 2024
Aprovado em 06 de fevereiro de 2024

